

Mário A. Perini

ESTUDOS DE
GRAMÁTICA
DESCRITIVA

as valências verbais



π
Parábola

EDITOR: *Marcos Marcionilo*

CAPA E PROJETO GRÁFICO: *Andréia Custódio*

CONSELHO EDITORIAL: *Ana Maria Stahl Zilles* [Unisinos]
Carlos Alberto Faraco [UFPR]
Egon de Oliveira Rangel [PUCSP]
Gilvan Müller de Oliveira [UFSC, Ipol]
Henrique Monteagudo [Univ. de Santiago de Compostela]
Kanavillil Rajagopalan [Unicamp]
Marcos Bagno [UnB]
Maria Marta Pereira Scherre [UFRJ, UnB]
Rachel Gazolla de Andrade [PUC-SP]
Salma Tannus Muchail [PUC-SP]
Stella Maris Bortoni-Ricardo [UnB]

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

P522e

Perini, Mário A. (Mário Alberto)

Estudos de gramática descritiva: as valências verbais / Mário A. Perini

- São Paulo, Parábola Editorial, 2008.

- (Lingua[gem] ; 29)

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-88456-87-7

1. Língua portuguesa - Gramática. 2. Língua portuguesa - Português falado. 3. Língua e línguas. I. Título. II. Série.

08-4166

CDD: 469.5

CDU : 811.134.3'36

Direitos reservados à

PARÁBOLA EDITORIAL

Rua Sussuarana, 216 - Ipiranga

04281-070 São Paulo, SP

pabx: [11] 5061-9262 | 5061-1522 | fax: [11] 5061-8075

home page: www.parabolaeditorial.com.br

e-mail: parabola@parabolaeditorial.com.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão por escrito da Parábola Editorial Ltda.

ISBN: 978-85-88456-87-7

Copyright © 2008, Mário Alberto Perini

© da edição brasileira: Parábola Editorial, São Paulo, outubro de 2008

Para
William Curtis Blaylock

Sumário

Apresentação	13
Proposta	13
Agradecimentos	17

PARTE I: PRELIMINARES TEÓRICOS

Capítulo 1. Por uma metodologia da descrição gramatical	21
1.1. Forma e conceito	21
1.2. Conhecimento e uso do contexto	24
1.3. O que levar em conta na análise?	26
1.4. Algumas consequências	29
1.4.1. <i>Dados e hipóteses</i>	29
1.4.2. <i>Palavra e lexema</i>	31
1.5. Descrição e teorização	32
1.5.1. <i>Relatórios descritivos</i>	32
1.5.2. <i>Colaboração ou rivalidade?</i>	35
1.6. Nota sobre o momento em linguística	37
1.7. Em que basear uma metodologia?	41
1.8. Guias de descrição	45
1.8.1. <i>Observações preliminares</i>	45
1.8.2. <i>Partindo de exemplos</i>	48
1.8.2.1. Sujeito "oculto"	48
1.8.2.2. Topicalização	53
Capítulo 2. Posicionamento teórico	55
2.1. Teoria e descrição	55
2.2. Por uma gramática descritiva	56
2.2.1. <i>Necessidade de descrições</i>	56
2.2.2. <i>Descrição e teoria(s) da linguagem</i>	57
2.3. Regularidade e anomalia	59
2.3.1. <i>Anomalias</i>	59
2.3.2. <i>Léxico e gramática</i>	61
2.4. Postulados da análise	64
2.4.1. <i>Descrição superficial</i>	64
2.4.2. <i>Fatos de forma e fatos de significado</i>	69
2.4.3. <i>Sintaxe simples ("simpler syntax")</i>	71
2.5. Tipologia das regras	77

Capítulo 3. Categorização	79
3.1. Importância da taxonomia de formas	79
3.2. Correlação entre forma e significado	81
3.3. Insuficiência da classificação tradicional	82
3.3.1. <i>O que está faltando</i>	82
3.3.2. <i>Gerativistas e estruturalistas</i>	86
3.3.3. <i>Posição dos cognitivistas</i>	87
3.4. Algumas questões básicas	88
3.4.1. <i>O que classificar?</i>	88
3.4.2. <i>As classes na descrição gramatical</i>	91
3.4.3. <i>Classificando por objetivos</i>	92
3.4.4. <i>Classes e funções</i>	93
3.4.5. <i>Exclusão do contexto anafórico</i>	98
3.5. Calibrando regras	99
3.6. Taxonomia e descrição gramatical	101
3.7. Protótipos	102
Capítulo 4. Funções sintáticas: sujeito	103
4.1. Funções sintáticas	103
4.1.1. <i>A Hipótese da Sintaxe Simples revisitada</i>	103
4.1.2. <i>Repensando as funções sintáticas</i>	103
4.1.3. <i>Para que funções sintáticas?</i>	105
4.1.4. <i>Redundância nos papéis temáticos</i>	106
4.1.5. <i>Identificação do sujeito</i>	107
4.1.6. <i>Identificação do objeto</i>	109
4.1.7. <i>Papel das valências</i>	111
4.1.8. <i>SNs e não-SNs</i>	113
4.1.9. <i>Verbos</i>	115
4.2. Fenômenos gramaticais ligados ao sujeito	116
4.2.1. <i>Concordância</i>	116
4.2.2. <i>Clíticos</i>	118
4.2.3. <i>Sujeito posposto</i>	119
4.2.4. <i>O que é o sujeito</i>	120
4.2.5. <i>O que é a concordância</i>	123
4.3. Complexidade: fatores semânticos	124
4.3.1. <i>Nós = eu e ele</i>	124
4.3.2. <i>O núcleo do SN como controlador da concordância</i>	125
4.4. Complexidade: fatores sintáticos	125
4.4.1. <i>Coletivos</i>	125
4.4.1.1. <i>Coletivos e plurais</i>	125
4.4.1.2. <i>Silepse</i>	127
4.4.2. <i>Outros fatores não-semânticos</i>	128
4.4.2.1. <i>Marcados e não-marcados</i>	128
4.4.2.2. <i>Impessoais</i>	129

4.4.2.3. Nós = a gente	130
4.4.2.4. Casos de “atração”	131
4.5. Como definir as construções: a notação ‘H’	131
Capítulo 5. Outras funções sintáticas	135
5.1. Objeto direto	135
5.1.1. <i>Problemas de definição</i>	135
5.1.2. <i>Semântica do objeto direto: papéis temáticos</i>	138
5.1.3. <i>Comportamento sintático</i>	139
5.1.4. <i>O objeto direto como relação simbólica</i>	141
5.1.5. <i>O que é um objeto direto?</i>	142
5.1.5.1. Regras de atribuição do papel Paciente	142
5.1.5.2. A representação sintática do Paciente	143
5.1.6. <i>Complementos de medida</i>	145
5.1.7. <i>Conclusão</i>	149
5.2. Notas sobre a construção ergativa	150
5.2.1. <i>Sujeito ou tópico?</i>	150
5.2.2. <i>Ambigüidades</i>	151
5.3. Outras funções sintáticas	153
5.3.1. <i>Adjuntos e complementos adverbiais</i>	153
5.3.2. <i>Objeto indireto</i>	155
5.3.3. <i>Predicativos</i>	156
5.4. Conclusão: funções sintáticas	158
5.5. Funcionamento e interação das regras	158

PARTE II: VALÊNCIAS VERBAIS

Capítulo 6. Resenha da literatura	165
6.1. A tradição gramatical	165
6.1.1. <i>Gramáticas</i>	165
6.1.2. <i>Dicionários</i>	165
6.2. Tesnière (1959)	168
6.3. Gross (1975) e Levy (1983)	169
6.4. Allerton (1982)	171
6.5. Levin (1993)	172
6.6. Goldberg (1995)	177
6.7. Vilela (1992)	179
6.8. Concluindo	180
Capítulo 7. Papéis temáticos	181
7.1. Preliminares	181
7.2. Por que e para que papéis temáticos?	184
7.3. Conceito e codificação	188
7.3.1. <i>Como a sintaxe vê o significado</i>	188
7.3.2. <i>Diferenciando os papéis temáticos</i>	190

7.3.3.	<i>Relações conceituais como elaboração dos papéis temáticos</i>	192
7.3.4.	<i>Caráter esquemático dos papéis temáticos</i>	193
7.4.	Contra os protótipos-como-contínuos	198
7.4.1.	<i>Protótipos</i>	198
7.4.2.	<i>Protótipos e a descrição gramatical</i>	199
7.4.3.	<i>Perspectiva descritiva</i>	202
7.5.	Previsibilidade	203
7.5.1.	<i>O que se pode prever?</i>	203
7.5.2.	<i>Arbitrariedade da representação sintática</i>	205
7.6.	Critérios de delimitação dos papéis temáticos	206
7.6.1.	<i>Critério de necessidade</i>	206
7.6.2.	<i>Aplicando o critério de necessidade</i>	207
7.6.2.1.	Agente e causador	207
7.6.2.2.	Lugar e tempo	210
7.6.2.3.	Lugar e estado	210
7.6.2.4.	Agente e paciente	213
7.6.2.5.	Meta e beneficiário	214
7.6.2.6.	Sumário parcial	216
7.6.3.	<i>Critério de semelhança semântica</i>	218
7.6.4.	<i>Conteúdo semântico dos sintagmas</i>	221
7.6.5.	<i>Perigos da circularidade</i>	224
7.7.	Papéis temáticos múltiplos	225
7.7.1.	<i>Mais de um papel temático para o mesmo sintagma</i>	225
7.7.2.	<i>Os papéis temáticos nas construções complexas</i>	227
7.7.3.	<i>Sobre a representação formal dos papéis temáticos</i>	229
7.8.	Sobre a análise componencial dos papéis temáticos	230
7.9.	Fazendo pesquisa em tempos de incerteza	231
Capítulo 8:	Construções, diáteses, valências	233
8.1.	A apresentação dos dados	233
8.2.	Construções: papel descritivo	234
8.3.	Limitações do estudo	238
8.4.	Contando verbos	239
8.5.	Expressões idiomáticas	241
8.6.	Valência do verbo ou do esquema?	243
8.7.	Estrutura sintática	246
8.8.	Definindo construções	249
8.8.1.	<i>Definição formal</i>	249
8.8.2.	<i>Papel da semântica do verbo</i>	250
8.9.	O que incluir?	251
8.10.	Definindo diáteses	252
8.10.1.	<i>Diáteses como fator de subcategorização</i>	252
8.10.2.	<i>Graus de esquematicidade</i>	256
8.10.3.	<i>Previsibilidade</i>	259

8.10.4. <i>Um procedimento experimental</i>	261
8.10.4.1. Preposições unívocas	262
8.10.4.2. Preposições polissêmicas	263
8.10.4.3. Marcados e não marcados.....	264
8.10.4.4. O procedimento experimental	265
8.10.4.5. Ocorrência obrigatória.....	265
8.10.5. <i>Verbos que recusam sujeito</i>	269
8.10.6. <i>Complementos especificados semanticamente?</i>	270
8.10.7. <i>Inversões</i>	273
8.11. Problemas	274
8.11.1. <i>Distinções relevantes</i>	274
8.11.1.1. Diáteses e não-diáteses.....	275
8.11.1.2. Restrições seletivas.....	275
8.11.1.3. Extensão de sentido.....	278
8.11.1.4. Traços léxicos inerentes: os complementos	282
8.11.1.5. Traços léxicos inerentes: o verbo	284
8.11.1.6. O que fica de fora	287
8.12. Quando um verbo não tem valência.....	288
8.12.1. <i>Orações com dois verbos</i>	288
8.12.2. <i>Os dois participios</i>	290
8.12.3. <i>A passiva é uma diátese verbal?</i>	295
8.13. Sumário e conclusão: como formular as diáteses	298
8.14. Notas para a pesquisa futura	299
8.14.1. <i>Opcionalidade</i>	299
8.14.2. <i>Reflexivos e recíprocos</i>	304
Capítulo 9. Classes de verbos	305
9.1. Classificando verbos	305
9.2. Verbos “transitivos”, “ergativos” e “transitivo-ergativos”	306
9.3. Casos de complementaridade.....	309
9.4. Expansão da classe dos transitivo-ergativos na língua falada	309
9.4.1. <i>Ergativos em português padrão</i>	310
9.4.2. <i>Ergativos se tornam transitivo-ergativos</i>	311
9.4.3. <i>Transitivos se tornam transitivo-ergativos</i>	311
9.5. Efeitos sintáticos da ergatividade.....	312
9.6. Correlatos semânticos	313
9.7. Construção pseudoergativa	316
9.8. A chamada “construção média”	317
9.8.1. <i>Colocando o problema</i>	317
9.8.2. <i>Testando uma hipótese</i>	322
9.8.2.1. Casos em que a ergativa é possível, mas não a “média”	323
9.8.2.2. Casos em que a “média” é possível, mas não a ergativa.....	324
9.8.2.3. Discussão dos exemplos.....	325
9.8.3. <i>A proposta de Camacho (2003)</i>	326

9.8.4. <i>Sumário e conclusão</i>	331
9.9. Terminologia	332
Capítulo 10. A valência na interface entre semântica e estrutura	
informativo	335
10.1. Introdução.....	335
10.2. Casos problemáticos.....	337
10.3. O ponto de partida da interpretação	338
10.4. O papel temático do tópico.....	339
10.5. Identificando o tópico	342
10.6. O mecanismo de atribuição do papel temático.....	343
10.7. Sumário: Um sistema complexo	345
10.8. Exemplos: papéis temáticos atribuídos pragmaticamente	346
10.9. Tópicos sem papel temático?	348
10.10. Examinando (e rejeitando) uma alternativa	348
10.11. Breve resenha da literatura	349
10.12. Conclusão	351
Capítulo 11. Um catálogo de construções	353
11.1. O catálogo das estruturas do português	353
11.2. Listas e regras	354
11.2.1. <i>Regras de correlação</i>	355
11.2.2. <i>Regras de estrutura sintagmática</i>	357
11.3. Pesquisando as regras por indução	358
11.4. Relevância da lista para a descrição	359
11.4.1. <i>Definição dos papéis temáticos</i>	359
11.4.2. <i>Outras contribuições</i>	362
11.5. O que a lista pode nos dar	362
11.5.1. <i>Caráter provisório da solução proposta</i>	362
11.5.2. <i>O que devemos perguntar à lista?</i>	364
11.5.3. <i>Frequência textual</i>	365
11.6. Convenções de notação	369
11.7. A lista das diáteses do português	372
Construções H V SN.....	373
Construções H V	377
Construções H V SN SPrep.....	378
Construções H V SPrep.....	382
Outras construções.....	385
Construções complexas.....	387
Referências	391
Índice remissivo	397

Apresentação

PROPOSTA

Os capítulos que se seguem se concentram principalmente em dois temas: a discussão de problemas metodológicos e um programa de descrição de parte da estrutura do português do Brasil.

Entenda-se “descrição” como a apresentação sistemática dos fatos da língua – não a elaboração ou validação de alguma teoria específica da linguagem. E não há aqui preocupação de caráter comparativo, tipológico ou universal; o trabalho visa basicamente a caracterizar uma língua (o português falado do Brasil) naquilo que a distingue das demais línguas. Mas como não se pode realizar descrições sem assumir algum ponto de vista teórico, adoto aqui, sem dogmatismo, as posições de Culicover e Jackendoff (2005), um livro da mais alta relevância, que deve ter um grande impacto na pesquisa linguística nos próximos anos. Como esse trabalho será mencionado com frequência no presente texto, vou usar a abreviatura **C&J**. No entanto, como já aponte, minha perspectiva é descritiva, o que exclui, pelo menos na prática, certos aspectos da proposta de C&J que se referem à construção de uma teoria geral da linguagem, com pretensões universalistas. Não que eu rejeite esses aspectos em princípio, mas acredito, como se verá, que tais propostas são prematuras no estágio atual da pesquisa. Por isso, o leitor encontrará aqui algumas soluções práticas a problemas que são, pelo menos em parte, teóricos. Não há contradição nisso: só conseguiremos chegar a equacionar adequadamente os problemas teóricos à medida que se for elaborando um quadro realista dos fatos da língua.

Outros trabalhos que foram importantes como base teórica deste livro, e que requerem menção, são Goldberg, 1995 (que desenvolve os traba-

lhos de Fillmore e seus colaboradores); Langacker (1987, 1991, 1999) e, principalmente na parte relativa aos papéis temáticos, Jackendoff (1972, 1990). No que diz respeito à atitude assumida frente aos fatos da língua, em especial a ênfase no levantamento de dados como a maneira de fundamentar as teorias, sigo a orientação geral de Gross (1975; 1979). Não adoto, porém, seus princípios descritivos, que me parecem excessivamente livres de restrições formais, levando a uma descrição detalhista ao extremo.

A posição descritivista que subjaz ao presente trabalho inclui pontos como os seguintes:

- A preocupação com a formalização e a elaboração de teorias altamente especificadas deve ceder lugar a uma necessidade mais urgente, a de definir e esclarecer questões fundamentais de análise. Dentre essas questões, posso mencionar: os princípios de taxonomia das formas linguísticas; a definição operacional dos papéis temáticos; a questão da diferenciação entre adjuntos e complementos; a explicitação dos fatores que governam a ordem das palavras; a relação da ordem das palavras com as chamadas funções sintáticas.
- Os estudos linguísticos sofrem de falta de evidência para fundamentar as teorias. Ou seja, faltam bases de dados cuidadosamente colhidos, sistematizados e descritos, cobrindo áreas significativamente grandes de línguas naturais particulares.
- Para os objetivos acima discriminados, grande parte da estrutura da linguagem pode ser descrita em termos de estrutura formal aparente, representações semânticas acessíveis à introspecção e relações entre esses dois níveis; não há necessidade (no momento, pelo menos) de níveis intermediários de análise tais como os utilizados pela teoria gerativa clássica.
- A linguística se encontra atualmente em um estágio que pode ser chamado de “história natural” – ou seja, estamos mais ou menos na situação da física antes de Newton, quando ainda não havia um paradigma que norteasse a interpretação dos fatos observados. Assim como os físicos daquela época, os linguistas de hoje têm como tarefa principal levantar dados, sistematizá-los e encaixá-los, quando possível, em teorias parciais – em uma palavra, elaborar descrições (nossa tarefa é mais próxima da tarefa de Tycho Brahe

e de Lineu do que da de Einstein e Darwin). A linguística atual é dominada pela ilusão de que é possível queimar etapas e desenvolver teorias válidas sem um longo e laborioso trabalho prévio de levantamento e sistematização de dados. Este livro representa uma reação a essa atitude. Não sou, nesse particular, nem pioneiro nem original: muitos linguistas estão e estiveram conscientes do problema, mas a meu ver não tiveram a repercussão merecida.

- É urgente elaborar estudos amplos de grandes fatias da estrutura das línguas. Esses estudos devem se concentrar em línguas particulares, sem ceder à tentação de aplicar a uma língua a análise de outra. A comparação entre as línguas, assim como a procura de universais, é um empreendimento válido, mas só pode ser realizado em um segundo momento. Não devemos comparar pequenas áreas da estrutura em diversas línguas, mas fazer confrontos abrangentes de grandes porções das estruturas. E isso, a meu ver, não pode ser ainda realizado por falta de descrições confiáveis de um número suficiente de línguas.

A língua estudada é o português do Brasil. Em consonância com os pontos expostos acima, não tento nenhum exame sistemático de outras línguas, e em princípio as análises aqui propostas só valem para uma língua. Por outro lado, tenho certeza de que muitos dos problemas discutidos são de validade geral, e podem ser transferidos, *mutatis mutandis*, para a análise de outras línguas. Mas é convicção minha que qualquer investigação dos eventuais traços universais das línguas depende crucialmente da existência de estudos descritivos de línguas particulares, suficientemente amplos e adequados; neste trabalho, tento fazer a minha parte.

As questões metodológicas e teóricas são tratadas na primeira parte (capítulos 1 a 5). Na segunda parte, aplico as ideias expostas ao exame detalhado de um problema importante: as valências verbais, com suas muitas ramificações na estrutura da língua. Nessa área, acredito que já se chegou ao ponto em que há alguma coisa de concreto a apresentar, no que diz respeito à análise em si e também no que diz respeito à maneira de realizar o trabalho de descrição. Aqui também, portanto, uma das motivações do texto é metodológica. A ênfase na metodologia vem de uma preocupação constante que me persegue, que é a impressão de que a

linguística pretende se tornar uma ciência amadurecida sem dar a devida atenção ao desenvolvimento de uma metodologia de pesquisa: coleta e categorização preliminar dos dados. Neste livro me concentro de preferência na segunda das tarefas mencionadas, e procuro elaborar um sistema para expressar a categorização preliminar dos dados. Talvez minhas observações possam contribuir um pouco para minorar essa situação.

Mas acho importante fazer uma observação: embora o que se esteja propondo aqui seja essencialmente um sistema de notação, não é possível separá-lo de todo de uma concepção particular da linguagem. Caso contrário, nossa tarefa seria apenas criar critérios facilmente aplicáveis, sem compromissos ulteriores. Mas dessa maneira o resultado seria também em grande parte irrelevante para efeitos de elaboração de teorias mais gerais do português e das línguas em geral.

Na medida em que a presente proposta se insere em alguma concepção da linguagem humana, ela pode ser rotulada de “cognitivista”, por aceitar a ideia de que o conhecimento da linguagem é parte integrada do conhecimento geral do mundo. Isso não quer dizer que não haja maneira de distinguir um do outro – essa é uma questão empírica, que só poderá ser respondida com o progresso da investigação em ambos os lados. Mas quer dizer que se deve levar em conta os resultados da pesquisa em áreas como a psicolinguística, a ciência cognitiva e a neurolinguística, seguindo o princípio de que não pode haver contradição entre o que se sabe sobre o conhecimento do mundo e o que se sabe sobre a estrutura da língua, considerada esta como parte do conhecimento do mundo.

É claro que isso só pode ser conseguido, nas atuais circunstâncias, muito parcialmente. Se a descrição gramatical é, em grande medida, uma atividade autônoma, não é assim em princípio, mas antes em virtude do estágio atual da ciência da linguagem.

A valência verbal é um tema bastante estudado, que remonta, para o português, aos dicionários de Fernandes (1940 e 1950), contando com uma tradição de estudos teóricos: Tesnière (1959), Allerton (1982), Borba (1990), Vilela (1992). No entanto, muitos problemas básicos estão ainda à espera de solução, ou mesmo de formulação clara. Tento mostrar isso na segunda parte deste trabalho.

Deixei que o texto incluisse certo grau de redundância, com ocasional repetição de exemplos e argumentos. Fiz isso para dar aos capítulos algu-

ma autonomia, facilitando sua leitura independente, sem necessidade de ficar voltando continuamente aos capítulos anteriores. Venho trabalhando na formulação das ideias aqui apresentadas há vários anos, e o texto, em sua forma presente, reflete os princípios que atualmente norteiam meu trabalho de pesquisa. Nenhum dos princípios aqui seguidos é definitivo, evidentemente; e como alguns deles são controversos, espero que este livro venha a servir como ponto de partida para alguma discussão.

AGRADECIMENTOS

Para terminar, gostaria de fazer alguns agradecimentos. Durante sua longa elaboração, este livro foi objeto de muitas discussões e conversas; não seria possível dar a lista de todos os que, sabendo ou não, contribuíram para o amadurecimento destas ideias. Mesmo assim, e correndo o risco de cometer omissões injustas, vou mencionar algumas pessoas que me ajudaram a desenvolver estas ideias e colocá-las em forma (espero) compreensível. Entenda-se, claro, que a responsabilidade pelo texto é só minha; muitas vezes recebi sugestões e não as acatei, e posso me arrepende um dia.

Em primeiro lugar, agradeço a Lúcia Fulgêncio, minha colaboradora constante, sempre exigindo clareza e objetividade no texto, coerência e adequação nas ideias. Para ela, uma porção dupla do quindim da gratidão.

Aprendi muito em conversas com Yara Liberato, então na UFMG, principalmente no que diz respeito aos temas tratados no capítulo 7. Agradeço ainda às colegas Beth Saraiva e Márcia Cançado (UFMG) por suas sugestões e críticas. Meus alunos, em especial Bruno Lima, Luciana Mazur, Yara Bruno e George Manes Pereira, também trouxeram sua contribuição ao ler e comentar partes deste texto durante meus seminários de sintaxe portuguesa.

Este livro é dedicado a meu amigo e colega Curt Blaylock, de Champaign, Illinois, com quem aprendi muitas coisas sobre linguística e muitas mais sobre a difícil arte de viver.

Belo Horizonte, outubro de 2008
M. A. P.